

O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NA MÍDIA TELEVISIVA

Maira Éliidy Brito Junqueira (UNEB)

mairaelidy@hotmail.com

Adriana Bastos Souza (UNEB)

Genilson Dias Silva (UNEB)

Luciene Ferreira da Silva (UNEB)

Vanda Alves da Silva Almeida (UNEB)

1. Linguagem e sociedade

A linguagem é um sistema organizado de símbolos a serviço das sociedades humanas. Esse sistema é amplo, complexo, extenso, possibilita a transmissão de sentidos e favorece a interação entre os seres humanos.

Segundo Marilena Chauí (1993, p. 04), “a palavra se encontra no limiar do universo humano, pois caracteriza fundamentalmente o homem e distingue do animal”. Esta é um fator preponderante para a compreensão do universo simbólico ao qual pertencemos, já que o ser humano é o único ser capaz de criar símbolos e estabelecer todo e qualquer ato comunicativo.

É através da linguagem que adquirimos a capacidade de pensar, organizar, de expressar e desenvolver nossas ideias. Nota-se que ela constitui e situa o homem historicamente, ratifica as crenças, estilo de vida e compõe os traços culturais de uma determinada sociedade, refletindo a identificação de cada indivíduo de acordo com seu status na comunidade, e como afirma Yonne Leite (2002, p. 07), “é na linguagem que se reflete a identificação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos status social, faixa etárias, gêneros, graus e escolaridade”.

Nessa perspectiva, há uma linha muito tênue entre a linguagem e sociedade, pois, linguagem é o reflexo daquilo que a sociedade constrói culturalmente, agindo como mecanismo de transmissão dos costumes, crenças, saberes e tradições, construindo deste modo a identidade de um povo.

Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo da linguagem, crescemos imersos em um universo de sons, de gestos e sinais através dos quais passamos a interagir com tudo que nos cerca, a linguagem

é uma atividade, uma forma de ação entre os indivíduos, é um lugar de interação que possibilita aos membros de um contexto social a prática dos mais diversos tipos de atos.

É a partir da linguagem que nos identificamos como um ser histórico e cultural, na medida em que nos vemos como sujeitos atuantes da nossa própria história.

2. *O preconceito linguístico e sua relação com o poder*

Preconceito linguístico é uma atitude em que o ser faz um pré-julgamento da forma de usar a língua, seja na fala como na escrita, do outro semelhante. Nessa conduta ocorre o preconceito, uma vez que o julgador se acha superior linguisticamente ao julgado e consequentemente se acha melhor como indivíduo.

Conforme Bagno (2003, p. 75) “os preconceitos linguísticos impregnaram-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Também é certo que o indivíduo não restringe suas ideias pré-concebidas apenas a uma modalidade de preconceito, certamente quem manifesta o preconceito linguístico também é preconceituoso em relação à cor, opção sexual, de classe social, etc. E tudo gerado pela ignorância em relação à complexidade desses fatores sociais.

É inquestionável a influência exercida pela língua na vida dos seres humanos, por isso, a forma como falamos e escrevemos diz (ou pode dizer) muito sobre a pessoa, daí vem a inter-relação do linguístico com o social. A linguagem influencia a convivência entre as pessoas, ao mesmo tempo em que é influenciada por ela, com isso, considerar a fala do próximo como erro e inferior não implica apenas em questões linguísticas, mas em questões sociais.

São conhecidos em estudos da linguística e da sociolinguística termos como Norma culta e Norma padrão, esses servem para designar uma modalidade linguística que está presente nas gramáticas, dicionários etc. e tem como base os clássicos da literatura e o idioma arcaico. É nesse idioma padronizado que os preconceituosos linguisticamente se baseiam, considerando qualquer desvio dessa norma como errado e sem importância.

Trava-se assim, uma batalha entre os estudiosos da linguagem e os chamados puristas. Os primeiros levam em conta que a língua é algo histórico e, conseqüentemente, sofre as mudanças dentro dos contextos sociais, culturais e históricos, com isso, são contra a normatização daquela. Já os segundos, estão do lado da elite dominante e querem preservar a língua, considerada por eles como correta, das intromissões errôneas dos dialetos desprestigiados socialmente.

Ainda podemos colocar ao lado dessa segunda corrente, a imprensa e os meios midiáticos em sua grande maioria. Cotidianamente vemos exemplos bem explícitos do preconceito linguístico sendo divulgados em rádios, nos jornais e principalmente na televisão. Esses sistemas têm o poder de criar estereótipos, fazendo o senso comum aceitar como verdadeiro retrato da sociedade. Então a mídia faz uma distorção do conceito de língua e não leva em conta que ela é a identidade do povo que a usa.

Quando falamos em uso, não estamos colocando esta questão como fazer uso de um determinado objeto, mas inserimos este termo para dizer que a língua está intrinsecamente em nós, somos certamente a língua que usamos. Por isso, “acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber ‘usar’ corretamente a visão” (BAGNO, 2010, p. 17), e, portanto qualquer parte do corpo.

Este círculo preconceituoso acarreta problemas em outras práticas sociais, ou seja, o não uso das normas prestigiadas gera – segundo algumas reportagens desconhecedoras do contexto linguístico – uma situação em que “empregos são perdidos, ou nem são conquistados, se as pessoas não ‘dominam a norma culta’. Essas pessoas que não dominam a norma culta, em tese, são excluídas das ‘benesses’ da sociedade” (LEITE, 2004, p. 62).

Desse preconceito descrito acima, que paira no inconsciente coletivo, vem outro que também está impregnado na mente das pessoas. Trata-se daquela lógica na qual, o não saber falar acarreta que a pessoa não sabe pensar. Esta forma de discriminação é tão grave e tão sem coerência, que pensar assim, é como dizer que mais de 150 milhões de pessoas em nosso país são simplesmente “desumanizados”.

Importa frisar que de acordo com os postulados da sociolinguística e da linguística não existe “erro” numa construção linguística, uma vez que todas são capazes de comunicar e apenas retratam as variações dialetais presentes em qualquer língua. Então, questiona-se: por que continuar

a discriminar estes falantes por seus usos da linguagem? Aqui entra a concepção de poder e status social, já que não é somente a maneira de falar que sofre preconceito, mas a identidade do falante. Com isso, se ele é pertencente à classe abastada, se é branco e detém o poder, pode tranquilamente falar as variantes estigmatizadas.

Entre as várias formas de preconceito existente em nossa sociedade, o linguístico, talvez, seja a mais sutil, justamente por está embutido nos graus valorativos do social. Geralmente, não se discrimina o que alguém fala, mas quem fala, daí não podermos distanciar o linguístico do social, nem a linguagem das relações de poder. Com relação a isso Bagno (2010, p. 16) vem confirmar que “o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social”.

Portanto, levando em conta que a norma culta é simplesmente um fantasma e por isso ela é oculta; que a língua é um instrumento de discriminação econômica e social, reforçados pela escola, pela mídia, pelos intelectuais, etc. cabem a todos ligados ao estudo da linguagem (linguistas, professores), preocupados e interessados no que realmente envolve a complexidade dos fenômenos linguísticos, lutar contra a norma dita como a certa, contra o preconceito, divulgando o que é uma língua e assim construindo uma sociedade imune de qualquer forma de exclusão e dominação pelo uso da linguagem.

3. *A linguagem nos meios midiáticos*

É perceptível que a mídia possui poder de persuasão, uma vez que ela tem o poder de influenciar as atitudes e os comportamentos dos indivíduos, determinando o que deve ou não fazer de suas vidas cotidianas, além de utilizar uma linguagem mais popular para poder conquistar a adesão de seu público.

Muitas vezes, a influência dos meios de comunicação de massa colabora para a valorização da norma culta mesmo com a veiculação de modismos de linguagem trazidos pela mídia. Dessa forma, ao mesmo tempo em que incorpora sua prática diária uma forma linguística que garanta a comunicação e o sucesso comercial, a mídia, paradoxalmente, mantém um nível doutrinário, a defesa de um português puro, correto, estabelecido a partir das gramáticas tradicionais, mostrando grande preconceito particularmente com as variedades populares.

A linguagem da mídia é, antes de tudo, uma linguagem impressionante. Ela vai criando no subconsciente de quem a vê – pela repetição das notícias e pelos valores ali embutidos – uma forma de colagem, sobretudo quando utilizam aspectos lúdicos, como música, beleza, cor, movimento, gírias, personagens nordestinos estereotipados tudo para atrair o público mesmo que com isso agrida toda uma cultura ou forma de pensar. Como expõe Bagno (2006, p. 44):

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste

A linguagem da mídia, de modo geral, pode ser é emotiva. Ela não lida, na maioria das vezes, com a verdade, mas com alguma meia-verdade, quando usa de uma pequena notícia para sensibilizar o ouvinte. Outra característica da linguagem da mídia é ser monológica, não dialógica. Ela se faz, antes de tudo, em uma única e só direção. Isto não é um mal em si, mas também traz consequências, na medida em que não existe o diálogo. O locutor fala e nós ouvimos, não interagimos, não retrucamos, não divergimos dialogicamente.

O poder de condicionar (poder sociológico) está presente na linguagem midiática, porque por meio dele ela pode fazer com que uma pessoa faça o que ela (mídia) quer e – mais – pode fazer com que a pessoa pense o que ela quer que pense. Isso é poder, efetivamente, e a mídia lida com esse poder.

A televisão é uma mídia que possui posição de proeminência nacional como veículo de comunicação. Além disso, a capacidade da TV é bastante estimada por influir no comportamento dos indivíduos, sendo inclusive – para a maioria da população – um meio de entretenimento e fonte de informação, mais completo e fascinante que o rádio, jornal ou revista. Isto porque, a televisão possui o apelo audiovisual, e neste caso acaba tornando-se o foco único de atenção, pois exige olhos e ouvidos.

Porém, deve-se destacar que o aparelho televisivo e a mídia em geral não transmitem o que ocorre na realidade social, impondo o que elas constroem no espaço público. E assim, as mídias persuadem, mostrando a suas concepções ideológicas. E se consideradas como um espelho da realidade, elas são espelhos deformadores, aliás, muitos destes ao

mesmo tempo disputando qual deforma mais. Isso é um fato extremamente explícito na sociedade brasileira, onde ocorrem diariamente disputas para conseguir a aceitação do grande público. Tudo isso, configura o espaço do sistema midiático.

4. A influência da mídia no uso da linguagem

Os meios de comunicação foram concebidos a partir de uma primeira tecnologia de reprodutibilidade técnica da imagem: a fotografia. Esta revolução nos meios de produção da imagem visual acarretou a popularização desta, por tornar as imagens acessíveis a um maior número de pessoas e também por possibilitar a entrada da linguagem visual no universo da propaganda de forma mais intensa na sociedade atual. Só a mídia é capaz de nos fornecer um relatório rápido e completo dos acontecimentos que se produzem à nossa volta.

Sendo assim, a influência midiática é tão forte que torna possível a alteração do imaginário das pessoas. Através de uma visão crítica do tema, reconhecemos a influência dos órgãos dos meios de comunicação social na linguagem das pessoas, como os bordões. Estes exercem uma autoridade nas mentes das pessoas e até interferem na forma de ver e de reagir à sua realidade política, social e cultural. Muitos de nós já utilizamos desses bordões de personagens conhecidos na TV, assim como as pessoas que pouco assiste aos programas e mesmo assim fazem uso dessas expressões por se tornarem tão famosas pelo uso e repetição maciça realizada pelos telespectadores.

Geralmente aceitamos os meios midiáticos sem um olhar crítico a sua autêntica influência e função. Os programas, novelas, propagandas sempre disponibilizam de signos particulares, distintos dos signos normais, criando assim, um universo próprio na linguagem televisiva de forte influência na criatividade cotidiana do falar brasileiro e, por muitas vezes, esses signos promovem, estimulam e reforçam o preconceito na linguagem.

Atualmente a maioria dos programas exibidos expõe ao público uma imagem estereotipada da concepção de linguagem. Comportamento sexual, preconceito regional, linguístico, étnico, entre outros, são pontos de partida para as criações de supostos tipos sociais e a partir deles, a criação do que chamam de humor. O que Marcondes (2003) chama de “clichês explorados ao máximo, reafirmando preconceitos, [...] O humor

quase que totalmente limitado a bordões. Isso quando ele não explora a vida privada de uma pessoa pública”.

Nessa perspectiva, procuramos analisar o uso de bordões televisivos que passam a fazer parte do repertório linguístico da maioria dos indivíduos, alguns permanecendo por um período maior, e outros são substituídos por novos vocábulos. Alguns estudos da linguagem privilegiaram o universo televisivo dos bordões, e foram elencadas expressões que caíram no gosto popular, como vemos a seguir:

<i>Chocolate poooooode</i>	Gislane em “Zorra Total”
<i>Chique de doer</i>	Elvira, em “Sete Pecados”
<i>Detesto pobre!</i>	Tina Pepper, em “Cambalacho”
<i>É a treva!</i>	Bianca, em “Caras e Bocas”
<i>Epa, epa, epa!</i>	Juvenal Antena, em “Duas Caras”
<i>Eu aumento, mas não invento</i>	de Nelson Rubens
<i>Eu tenho catigúria!</i>	Bebel, na novela “Paraíso Tropical”
<i>Eu vi, meninos, eu vi</i>	Juca Pirama, em “Salvador da Pátria”
<i>Jesus, apaga a luz</i>	Yasmin, em “Malhação”
<i>Muita calma nessa hora!</i>	Juvenal Antena, em “Duas Caras”
<i>Não é brinquedo, não!</i>	Dona Jura, na novela “O Clone”
<i>Olha a Faca!</i>	Patrick, no “Zorra Total”
<i>Sou chique, benhô!</i>	Márcia, em “Chocolate com Pimenta”
<i>Tô pagaaanu!</i>	Lady Kate, no “Zorra Total”

Com isso percebemos como os bordões repetidos pelos telespectadores soam como sinônimo de audiência dos programas. E vemos no nosso cotidiano como estes se impregnam no inconsciente das pessoas, passando a fazer parte de seus repertórios linguísticos.

Porém, a maioria dos telespectadores não possui uma concepção mais ampla de língua, de sua capacidade diversificadora e heterogênea fazendo com que eles não percebam a intolerância e o preconceito que vão embutidos, camuflados nos bordões televisivos o que estimula que ele seja visto como algo natural, comum e intrínseco à sociedade.

Assim, o preconceito linguístico vai sendo inserido na sociedade de forma subentendida, acomodada e, até deflagrada e o indivíduo não faz uso de seu poder crítico para uma análise reflexiva dos fatores e aspectos que o motiva, então a comunidade, aceita o que lhe é imposto e transmite, sem perceber, atitudes intolerantes para com as “pessoas reais” que os personagens que criam os bordões retratam.

A mídia busca a todo custo imprimir ideias a serem seguidas e não discutidas e faz esta imposição também através do preconceito com a linguagem presente nos bordões. Agindo dessa forma, ela nega nossa característica de ser um país culturalmente diversificado, basta retornar ao nosso passado de nação colonizada e toda a influência trazida por seus colonizadores e imigrantes, resultando numa miscigenação de raças, culturas e línguas. Diante de toda essa diversidade torna-se impossível moldar e enclausura a língua, isso seria negar toda a história de uma nação, pois acima de tudo “a língua é um lugar de marcação de identidades” (POSSENTI, 2002, p. 109).

As diferenças no idioma que caracterizam e mesmo identificam os nativos de uma nação, estão longe de ser o único e principal fator da diversidade linguística. Uma língua é um objeto histórico, enquanto saber transmitido, estando sujeita às eventualidades próprias de tal momento histórico. Isso significa que se transforma no tempo assumindo uma diversidade no espaço. Bortoni-Ricardo (1986) aponta ser um mito pensar que somos um país privilegiado, no qual a comunicação ocorre sem problemas de entendimento, o que é uma compreensão equivocada já que a sociedade e a língua são heterogêneas e diversificadas, daí a existência de variações e variantes linguísticas e a desconsideração por parte da mídia deste aspecto mostra-se presente nos bordões que veiculam o preconceito linguístico.

A diversificação, um elemento característico da própria linguagem, foi utilizada como fator extremamente negativo nos discursos de Luiz Inácio Lula da Silva que a mídia soube muito bem explorar para desqualificar e desmerecer sua capacidade política e gestora por ser um legítimo representante das variedades populares desprestigiadas. No pleito presidencial, em certo programa de auditório na rede de televisão SBT, o então candidato foi entrevistado sobre suas propostas.

Na entrevista, o candidato fez questão de deixar claro seu lugar de cidadão comum, de infância pobre, pois cometia desvios em relação à língua culta, consequência do pouco estudo que teve. Além desse exemplo temos outros como o programa de *talk-show* do humorista Jô Soares que antes de entrevistar seus convidados, faz uma série de comentários e piadas sobre os considerados “erros de português” e ortografia arrancam do risadas do auditório.

Em programa de rádio, o grupo de locutores do pânico çaoa de ouvintes por possíveis “erros de português”, quando não criticam uns aos

outros, tendo mesmo entre eles uma pessoa marcada pela ideia de falta de inteligência (Sabrina Sato).

Esses e outros momentos apresentados pela mídia fazem com que, em pouco tempo perante a sua programação, as pessoas sejam induzidas a incorporarem em seu comportamento a ideia de intolerância e de preconceito linguístico para com o outro.

5. *Considerações finais*

Considerando que a língua é um fator social e essencialmente humano, por isso, ela influencia nas práticas sociais e no comportamento dos seres humanos, levantamos a questão do preconceito linguístico na mídia televisiva, por entendermos a relevância de se estar discutindo esta temática. Essa forma de preconceito está enraizado na sociedade brasileira e ganha força na medida em que escolas, intelectuais e mídia distorcem o conceito de língua, fazendo com que o senso comum creia num único conceito de se conceber o fenômeno da linguagem.

A televisão com seu intenso poder de influenciar na vida das pessoas, poderia prestar um serviço mais útil em relação aos comportamentos linguísticos, buscando levar ao público o respeito a todas as variedades linguísticas e com isso, combater os diversos preconceitos inseridos em nossa sociedade. No entanto, percebe-se o contrário, ou seja, a televisão cria estereótipos baseando-se no critério de prestígio social, trata-se da lógica de que não importa o que a pessoa fala, mas quem ela é.

Por isso, é extremamente relevante estar discutindo essas questões no âmbito acadêmico, uma vez que estudantes da linguagem, bem como professores, linguistas, sociolinguistas etc. têm que combater o preconceito linguístico e social, fazendo de seus alunos e seus leitores seres mais críticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 25. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2010.

BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRAGA, Adriana. *Preconceito Linguístico na Mídia*. Disponível em: <<http://viajandocombete.blogspot.com/2010/12/preconceito-linguistico-na-midia.html>>. Acesso em: 22-12-2010.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

GRANDES Pensadores. John Dewey. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, edição de janeiro e fevereiro de 2003, p. 45-46.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PRECONCEITO na TV. *Revista Mundo Jovem*. São Paulo, nº 410, p. 53-55, set./2008.

SIMM, Juliana Fogaça Sanches; SORTO, Letícia Jovelina. *Lula: as variações e o preconceito linguístico que o cercam*. Disponível em: <<http://www.lettramagna.com/lulavariacao.pdf>>. Acesso em: 12-01-2011.